

A QUADRILHA DO CEREAL



Como o G8 contribui para a **crise mundial de alimentos** e o que eles podem fazer para detê-la

A ActionAid é uma ONG que atua há mais de 34 anos e está presente em 47 países. Trabalha em conjunto com pessoas pobres, fortalecendo suas capacidades para que possam conquistar direitos e superar de forma definitiva a situação de pobreza em que vivem. No Brasil, apóia projetos de desenvolvimento local no Nordeste, Sudeste e Norte, além de atuar em redes e campanhas, mobilizando a sociedade civil em defesa do interesse público e da justiça social.

Alimentação

Direito de todos

Resumo executivo

Somente três anos após a garantia do G8 em fazer da pobreza história (“Make poverty History”)¹ uma crise mundial de alimentos está fazendo a pobreza aumentar. E o G8, até o momento, não tem feito nada para deter esse processo. O número de pessoas com fome se expandiu para 950 milhões este ano e a ActionAid estima que outros 750 milhões correm o risco de passar a conviver com a fome crônica. Desta forma, cerca de 1,7 bilhão de pessoas, ou 25% da população mundial, podem sofrer com algum tipo de privação na quantidade e na qualidade dos alimentos. Em sua próxima reunião em Hokkaido, no Japão, os líderes do G8 podem e devem dar alguns importantes passos para prevenir que a fome no mundo cresça de forma descontrolada. A **ActionAid** acredita que as seguintes ações do G8 podem literalmente fazer diferença entre a vida e a morte de milhares no mundo em desenvolvimento que já não podem mais comprar ou plantar sua própria comida.

1. Suspende a ação criminosa com os cereais

A quantidade de milho necessária para produzir etanol para encher um tanque de carro é suficiente para alimentar uma pessoa por um ano. Com subsídios pesados e metas obrigatórias, a União Européia e a os Estados Unidos têm promovido a expansão massiva dos biocombustíveis, que é responsável pelo aumento de 30% no preços do alimentos no mundo segundo especialistas. A análise realizada pela **ActionAid** mostra que de acordo com as tendências atuais, 290 milhões de pessoas passam fome ou estão em situação de insegurança alimentar devido ao rolo compressor dos biocombustíveis. Muitos analistas acreditam que o *boom* dos biocombustíveis contribuiu para estimular a especulação feroz em commodities nas bolsas de mercados futuros, empurrando os preços ainda mais para cima. A análise do respeitado Instituto de Pesquisas de Políticas de Alimentos (Food Policy Research Institute) prevê que a moratória dos biocombustíveis traria imediata e significantes redução dos preços da comida.

Desta forma, a **ActionAid** recomenda:

- Que os Estados Unidos removam imediatamente todos os subsídios para produção de etanol a partir do milho e revogue as metas de aumento de uso de agrocombustíveis que estão provocando o aumento de preços no milho e em outras matérias-primas. Os EUA devem retirar os subsídios e metas que encorajam a produção de agrocombustíveis a partir de plantações de alimentos, como beterraba e canola.
- Que os líderes do G8 apóiem uma moratória de cinco anos na conversão de terras aráveis para monocultura de agrocombustíveis.
- Que ao invés de subsidiar biocombustíveis, os países do G8 aumentem a pesquisa, o investimento e o incentivo para energias alternativas renováveis.
- Que o G8 se encarregue de uma pesquisa sobre o papel dos fundos de commodities e outros investidores especulativos no aumento de preços, a fim de desenvolver medidas apropriadas para fortalecer a regulamentação do mercado de futuros de commodities.

¹ Campanha realizada por várias organizações não-governamentais que reivindicou o compromisso do G8 com a erradicação da pobreza em 2005.

2 – Prevenir crimes contra o clima

A falha dos países do G8 na redução de emissão de gases do efeito estufa já está causando danos à agricultura com secas e inundações severas e o aumento da temperatura. Alguns países já tiveram suas colheitas afetadas pelas mudanças climáticas, mas o pior ainda está por vir. Em alguns países da África, a produtividade da agricultura não-irrigada deve cair em 50% até 2020. Estima-se que isso irá custar aos países em desenvolvimento cerca de 67 bilhões de dólares por ano para administrar esse e outros riscos, mas até agora os dois fundos voluntários para adaptação às mudanças climáticas criados pelo G8 garantem somente 158 milhões de dólares, menos de 10% do que os europeus gastam anualmente com protetores solares, por exemplo.

A **ActionAid** pede aos líderes do G8 que:

- Limitem os futuros aumentos na temperatura global para 2 graus Celsius criando prazos e metas para reduzir suas próprias emissões de carbono até 2020 a níveis pelo menos 25% ou 40% menores do que os de 1990. Os Estados Unidos, o maior poluidor mundial isolado, deve se comprometer em reduzir suas emissões até 2050 em pelo menos 80% mais baixos do que os níveis de 1990.
- Assegurem ao menos 55 dos 67 bilhões de dólares necessários a cada ano para ajudar aos países em desenvolvimento a se adaptarem às mudanças climáticas. Com base na responsabilidade histórica e na capacidade de pagar, a **ActionAid** demanda que os países do G8 se comprometam com um fundo anual de adaptação com os seguintes montantes:

Estados Unidos	US\$ 29,27 bilhões
Japão	US\$ 8,64 bilhões
Alemanha	US\$ 4,75 bilhões
Reino Unido	US\$ 0,55 bilhão
Itália	US\$ 3,08 bilhões
França	US\$ 3,01 bilhões
Canadá	US\$ 2,88 bilhões

O G8 deve se comprometer em assistir os países em desenvolvimento no acesso à tecnologia limpa (o que não inclui petróleo, gás para exportação, e qualquer tipo de fonte energética proveniente de carvão, hidrelétricas acima de 10 megawatts ou usinas nucleares). O financiamento da tecnologia limpa deve ser adicional à ajuda internacional, deve dar preferência a investimentos que incentivem aos países pobres a trilharem o caminho do desenvolvimento limpo; e deve dar prioridade a projetos pequenos, controlados localmente que garantam acesso local à energia, principalmente às mulheres. A ajuda para efetivar o acesso à energia limpa não deve depender do cumprimento de condições de políticas econômicas.

Os países membros do G8 também devem agir junto ao Conselho Executivo do Banco Mundial para que este suspenda empréstimos que financiem combustíveis fósseis. Conforme sugere a avaliação independente das atividades do Banco Mundial de 2004 na indústria extrativista (petróleo, gás e mineração), o Banco

Mundial deveria *“retirar seus investimentos gradualmente da produção de petróleo até 2008 e dedicar seus escassos recursos para investimentos no desenvolvimento de fontes de energia renovável, projetos para redução de emissão de gases do efeito estufa, tecnologia limpa, eficiência energética e conservação, entre outros esforços que desconectem o uso de energia da emissão de gases do efeito estufa”*.

3- Acabar com os fracassos agrícolas

Nos últimos 25 anos, os países do G8 promoveram reformas na agricultura e no comércio de forma desorientada. Foram impostos aos países em desenvolvimento o desmantelamento ou a privatização das instituições estatais como plataformas de mercado, esquemas de crédito agrícola, subsídios e programas de extensão para converter as plantações para monoculturas de exportação, além da abertura de seus mercados para a competição com o agronegócio altamente subsidiado do hemisfério norte. Pagamentos diretos aos agricultores vinculados ao OCDE (Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento²) foram de 125 bilhões de dólares em 2006. No mesmo ano, a ajuda da OCDE para a agricultura em países em desenvolvimento foi 3% deste montante. Atualmente, a ajuda para a agricultura conta somente como os minúsculos 3,4% dos orçamentos de ajuda internacional, ainda que 75% dos pobres no mundo vivam em áreas rurais. Ao invés da prosperidade prometida, essa política provocou queda na produtividade, dependência pesada da importação de alimentos e a perda de milhões de meios de subsistência.

Para permitir aos países em desenvolvimento reconstruírem seus setores agrícolas, os países do G8 devem:

- Suspenda a imposição de regras de comércio e políticas econômicas condicionais que dificultem aos governos dos países em desenvolvimento apoiarem os pequenos agricultores e a agricultura familiar. Eles devem apoiar as propostas dos países em desenvolvimento de corte de tarifas protecionistas (conhecidos como Mecanismos Especiais de Salvaguarda e Produtos Especiais) que lhes permitam blindar seus produtos agrícolas das oscilações de preço internacionais.
- Acordar um cronograma para escalonar a ajuda do G8 para agricultura até 2012, para garantir no mínimo 21 dos 30 bilhões de dólares que a FAO afirma serem necessários para fazer com que a agricultura dos países em desenvolvimento volte a funcionar. Isso pode ser feito desde que os países do G8 aloquem 0,7% de sua renda nacional em ajuda até 2012 e trabalhem com os governos para assegurar que pelos menos 10% da ajuda e dos gastos públicos sejam investidos na conquista da segurança alimentar e na reversão da dependência de importações. Os programas devem ser desenhados para beneficiar agricultores pobres.

² Grupo formado por 24 nações, incluindo a maioria dos principais países industrializados, criado em 1961 para coordenar políticas econômicas e sociais entre seus membros e para promover a ajuda econômica aos países em vias de desenvolvimento. Seus membros incluem 18 países europeus, Canadá, os Estados Unidos, e Japão. É baseado em Paris.

- Realizar mais investimentos em pesquisas públicas sobre agricultura e desenvolvimento. O G8 não deve ceder ao tentador canto da sereia dos grandes conglomerados de sementes e fertilizantes para investir em transgênicos como uma solução rápida para aumentar os lucros. Pesquisas recentes mostram que as atuais gerações de organismos geneticamente modificados não apresentaram diferença na produtividade. Em alguns casos houve redução de mais de 10%. Uma revisão de quatro anos da ONU, publicada em 2008 e feita por 400 especialistas, dá um voto de não-confiança para as plantações de transgênicos como solução para aumentar a produtividade. Ao contrário, é necessário um investimento massivo no desenvolvimento da agricultura orgânica.
- Dar impulso para o cancelamento de 100% da dívida pendente de todos os 65 países da IDA (Associação Internacional de Desenvolvimento³) sem condições econômicas. Adicionalmente, o G8 devia investigar empréstimos passados para cancelar dívidas injustas, incluindo dívidas ilegítimas e impagáveis. Se os países forem liberados de enviar centenas de milhões de dólares em pagamentos de dívida para seus credores no hemisfério norte todos os anos, teriam condições de usar essas reservas para esforços de redução de pobreza, incluindo maiores investimentos públicos na agricultura.
- Abolir a doação de comida em espécie e substituir por doações em dinheiro para o Programa Mundial de Alimentos da ONU ou governos locais para compra de alimentos em níveis locais e regionais, tornando mais eficiente o uso de escassos recursos e apoiando o desenvolvimento de mercados nesses países. Aumentar a ênfase em compras locais de comida poderia dar suporte aos esforços para estabilizar as reservas locais e regionais que poderiam ser rapidamente acessadas em caso de emergências.

Os países ricos falharam terrivelmente em tomar qualquer atitude quanto ao aumento do preço dos alimentos, biocombustíveis e clima na Cúpula de Roma. Eles não podem pagar o preço por falharem uma segunda vez. Uma moratória imediata na expansão dos biocombustíveis e o fim das metas dos Estados Unidos e União Européia, um rápido aumento da ajuda internacional, o cancelamento da dívida, medidas regulatórias para coibir a especulação vão ajudar a conter o pior da crise imediata. Entretanto, os países do G8 devem também se comprometer com uma estratégia de longo prazo para proteger o direito humano universal à alimentação ao impor cortes obrigatórios em seu próprio consumo de carbono e ao ajudar nações em desenvolvimento a reverter a dependência de importações e alcançar uma produção sustentável para uso local.

³ Organização que integra o Banco Mundial para ajudar aos países mais pobres.